

NARRATIVAS DE PROFESSORAS LÉSBICAS: VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE E A IDENTIDADE DOCENTE¹

Gilvania Moreira de Andrade²

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo compreender as violências de gênero e sexualidade vivenciadas por professoras lésbicas da Educação Básica em suas trajetórias de vida e a repercussão disso na constituição da identidade docente. Os objetivos específicos do presente estudo são: caracterizar as violências de gênero e sexualidade que atravessam a vida das mulheres lésbicas e analisar como as professoras lésbicas da Educação Básica vivenciam suas sexualidades no ambiente escolar e a repercussão na constituição da identidade docente. Esta pesquisa emergiu a partir das discussões no curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos. Embora a docência seja um lugar majoritariamente ocupado por mulheres, ser professora lésbica requer luta diária diante das opressões que impactam a constituição da identidade docente dessas mulheres. A proposta teórico-metodológica utilizada foi o método (auto) biográfico (ou das histórias de vida) e a entrevista narrativa, a técnica utilizada para a obtenção dos dados. As narrativas das mulheres lésbicas e professoras, revelaram que suas trajetórias de vida foram marcadas por experiências de violência de gênero e sexualidade. O ambiente familiar, a trajetória escolar na infância e adolescência, a universidade e a escola, como o atual ambiente de trabalho, são espaços onde elas vivenciaram e vivenciam, situações em que se sentem violentadas em decorrência da sexualidade e essas violências tem impactos na constituição da identidade docente.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Professoras lésbicas. Violência contra homossexuais.

ABSTRACT

This article aims to understand the violence of gender and sexuality experienced by lesbian teachers of Basic Education in their life trajectories and the repercussion of this in the constitution of their identities. The specific objectives of the present study are: to characterize the violence of gender and sexuality that cross the lives of lesbian women and to analyze how lesbian teachers of Basic Education experience their sexualities in the school environment. This research emerged from the discussions in the Specialization course in Gender, Diversity and Human Rights. Although teaching is a place mostly occupied by women, being a lesbian teacher requires a daily struggle in the face of the oppressions that impact the constitution of the teaching identity of these women. The theoretical-methodological proposal used was the (auto) biographical method (or life stories) and the narrative interview, the technique used to obtain the data. The narratives of lesbian women and teachers revealed that their life trajectories were marked by experiences of gender and sexuality violence. The family environment, the school trajectory in childhood and adolescence, the university and the school, as well as the current work environment, are spaces where they experienced, still experience situations in which they feel violated as result of sexuality, and these violences have an impact on the constitution of teacher identity.

Keywords: Gender identity. Lesbian teachers. Violence against homosexuals.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof.ª M.ª Núbia dos Reis Pinto.

² Discente do Curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

As violências em decorrência do gênero e sexualidade continuam em ascensão no Brasil, seja no convívio familiar ou profissional, nos espaços públicos ou privados. O crescimento desses abusos tem sido legitimado por discursos de ódio, nos quais o conservadorismo é exaltado, a desvalorização da ciência, o ataque a educação e as universidades públicas são constantes e as questões de gênero nos currículos educacionais de alguns estados brasileiros têm sido excluídas e proibidas de serem abordadas. Faço essa sinalização, pois, diante do cenário de retrocesso que estamos vivendo, a conclusão de um curso com essa temática, em uma universidade pública, é um ato de luta e resistência pelos Direitos Humanos e pela produção de conhecimento com uma temática que inclui a população Lésbica, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam num padrão cis-heteronormativo (LGBTQIA+).

Ao iniciarmos essa breve apresentação do texto, a partir da temática aqui proposta destacamos que embora a violência de gênero não esteja atrelada ao sexo biológico, esse texto aborda as violências de gênero e sexualidade vivenciadas por mulheres-cis³ professoras lésbicas, devido a feminilização do magistério, que é também binária, heteronormativa e cisgênera.

As dimensões de gênero e sexualidade tem sido vigiada e controlada nos diferentes espaços da sociedade. Cada vez mais as instituições e organizações sociais tentam regular e excluir o que é entendido por elas como fora da norma heterossexual. Nesse sentido, as pessoas que não se enquadram nela, têm suas sexualidades negadas e violentadas, como as mulheres lésbicas.

A violência em decorrência do gênero é fruto de uma construção histórica e, de acordo com os estudos de Saffioti (2004) é articulada pelo capitalismo, patriarcado⁴ e racismo. Na estrutura patriarcal, essas hierarquias são sustentadas pelas relações “desiguais e hierárquicas” (p. 26) entre homens e mulheres, em que os papéis sociais são determinados em decorrência do sexo biológico antes mesmo do nascimento da pessoa. É também nesse modelo de dominação que a heteronormatividade se apoia para excluir, invisibilizar e inferiorizar as mulheres lésbicas, que são violentadas em decorrência do gênero e vivenciam o agravante da lesbofobia devido a sexualidade.

³ Pessoa Cisgênera, em suma, é a pessoa que foi designada “homem” ou “mulher”, se sente bem com isso e é percebida e tratada socialmente (medicamente, juridicamente, politicamente) como tal (Colling apud Kass, 2018, p. 33).

⁴ O patriarcado configura-se em um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade, tem uma base material, corporifica-se, por fim, representando uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência (SAFFIOTI, 2004).

As implicações sociais em torno das lésbicas, implicam em condições de estigmas, exclusões e invisibilidades, que determinam o lugar que elas ocupam na sociedade e nas instituições sociais. Embora a docência seja uma profissão composta historicamente por mulheres, é também no ambiente escolar que as lésbicas têm suas identidades negadas e forjadas. A escola ainda é um espaço que normaliza as condutas de repressão e violência com as pessoas que não exercem os padrões de gênero e sexualidade norteados pela heterossexualidade. A partir das narrativas das mulheres lésbicas que protagonizam essa pesquisa, buscamos compreender como as experiências em que elas se sentiram violentadas ao longo da trajetória de vida, interferem e repercutem na constituição da identidade profissional docente.

As identidades pessoais e profissionais andam juntas de acordo com Nóvoa (2010). Elas são construídas e reconstruídas ao longo da vida, na relação com o meio social e cultural que estamos inseridas e com a subjetividade de cada pessoa. Diante desse conceito, adotamos nesse estudo o método (auto) biográfico (ou método das histórias) de vida e a entrevista narrativa como técnica para a produção dos dados e de conhecimento.

A partir dessas implicações, alguns questionamentos se fazem necessários para o desenrolar da pesquisa proposta nesse projeto. Como as violências de gênero e sexualidade estão presentes na vida das mulheres lésbicas? Ser professora lésbica impacta na constituição da identidade docente dessas mulheres? Como as professoras percebem a si mesmas no trabalho escolar ao narrar suas experiências? Como as questões de gênero e sexualidade na educação são pensadas por essas mulheres? Diante dessas inquietações, a partir das narrativas das professoras lésbicas participantes da pesquisa e do aporte teórico-metodológico que embasou a investigação aqui proposta, procuramos responder a problemática central da investigação: as violências de gênero e sexualidade vivenciadas por professoras lésbicas da Educação Básica repercutem na constituição da identidade docente?

As narrativas das histórias de vida das mulheres lésbicas e professoras, são colocadas como foco desse estudo para tentar responder essas inquietações. A partir das reflexões, memórias e vivências acionadas ao longo dessa investigação, buscamos trazer para o campo da docência reflexões sobre o modo como as mulheres lésbicas professoras enfrentam o modelo heteronormativo e patriarcal no ambiente escolar e, de que modo essas vivências se relacionam com a identidade docente.

2 A PROPOSTA METODOLÓGICA COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO

Dedicar esse espaço para falar da abordagem metodológica adotada, se faz necessário devido à importância das narrativas das trajetórias de vida das mulheres professoras lésbicas nessa investigação. Esse trabalho, não é sobre as professoras lésbicas, mas, com elas. O percurso metodológico da pesquisa, ancorou-se nos princípios da abordagem qualitativa, uma vez que, os objetivos traçados para a investigação, dialogam com o que Flick (2009) sinaliza a esse respeito. Para o autor, ela parte da noção da construção social das realidades em estudo e está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas e em seu conhecimento cotidiano, relativo às questões em estudo a serem investigadas (FLICK, 2009. p. 16).

A proposta da investigação, recorreu aos pressupostos teóricos-metodológicos do método (auto)biográfico (ou das histórias de vida). Nóvoa (2010, p. 24) destaca que enquanto “investigação-formação, esse método de pesquisa permite considerar um conjunto amplo de elementos formadores”, uma vez que o eu pessoal e o eu profissional são inseparáveis e negar as lutas, as experiências ou separar a identidade pessoal da profissional tem causado crises de identidade. A trajetória de vida das mulheres lésbicas e professoras, nos ajudam a entender o conceito que elas têm de si e da docência, ao acessar suas memórias, violências e experiências. A técnica utilizada para a obtenção dos relatos e produção de conhecimento, foi a entrevista narrativa.

Para Souza (2014) “a entrevista narrativa como uma das entradas do trabalho biográfico, inscreve-se na subjetividade do sujeito” (p. 89), ao narrar as experiências é possível selecionar e questionar vivências pessoais e profissionais de maneira reflexiva, configurando-se como importante instrumento de formação. As narrativas das docentes foram analisadas em um processo de compreensão reflexiva, onde buscou-se evidenciar a relação entre as violências de gênero e sexualidade vivenciadas pelas mulheres lésbicas, a partir das narrativas das histórias de vida e, a relação com a constituição da identidade docente.

A partir do conceito de experiência de Larrossa (2021), as narrativas das professoras foram se configurando como um importante instrumento de formação. Para o autor, “experiência é que nos acontece, é atenção, escuta, abertura, possibilidade, disponibilidade, exposição, a linguagem da experiência elabora a reflexão de cada um” (p. 68). Essas experiências são também formativas e contribuem para construção da identidade pessoal e profissional, motivo pelo qual as narrativas das professoras lésbicas são centrais nesse trabalho.

As participantes da pesquisa se auto identificam como mulheres lésbicas, professoras da Educação Básica nas redes públicas de ensino dos municípios baianos, Camaçari e Salvador.

Elas possuem 52 e 53 anos de idade, uma está há 20 anos no magistério e a outra, há 25 anos. Destacamos que a marcação temporal se faz necessária, devido o momento pandêmico que estamos vivenciando mundialmente causado pela Covid-19, o que dificultou a participação de outras duas professoras lésbicas na pesquisa.

A escolha das participantes, se deu no contato com outras professoras que atuam nesses municípios, por meio de grupos de WhatsApp. A princípio, participariam da pesquisa quatro docentes que se identificam como lésbicas e, que atuam na Educação Básica em escolas públicas, nos municípios baianos de Salvador, Camaçari e Serrinha, mas devido às demandas de trabalho e a pandemia da Covid-19, somente duas delas se dispuseram a participar.

Após o primeiro contato para o convite e apresentação do estudo, marcamos dia e horários diferentes para nos encontrarmos e esclarecer eventuais dúvidas sobre a temática e os objetivos da pesquisa. A proposta foi apresentada às participantes, junto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado em duas vias por elas. Os encontros foram gravados com um celular a partir da autorização das professoras, que narraram suas histórias de vida e as experiências que contribuíram para a construção da identidade docente.

As narrativas foram biografadas e analisadas, as histórias foram costuradas com o texto, dialogando com o referencial teórico que embasou a pesquisa, criando e recriando conhecimento a respeito das temáticas abordadas no artigo e evidenciadas por elas. As identidades das professoras foram preservadas, elas estão designadas no texto como P1 (Professora 1) e P2 (Professora 2). A P1 é professora da Educação Básica da rede pública do município de Camaçari/BA, graduada em Pedagogia e Ciências Contábeis, com especialização em Matemática. A P2 é professora da Educação Básica em Salvador/BA e do Ensino Superior, ela tem graduação em Pedagogia, mestrado em educação e é doutoranda na mesma área. Nós criamos esses códigos juntas para identifica-las em suas narrativas quando forem citadas, visando a preservação de suas identidades.

Os encontros para as entrevistas ocorreram de maneira individual e presencialmente. Para melhor condução, foi elaborado um roteiro com eixos temáticos baseados nos objetivos a serem alcançados, a partir das narrativas das histórias de vida das mulheres professoras lésbicas. No entanto, os eixos não foram colocados como um questionário de perguntas e respostas, as entrevistas também não se limitaram ao roteiro, elas ocorreram em forma de diálogo, o que proporcionou um momento de acolhimento e segurança no processo de narrar e da escuta. O documento contendo os questionamentos na íntegra, encontra-se no apêndice.

A condução da entrevista perpassou pelas seguintes temáticas: violências de gênero e sexualidade (na família e demais grupos sociais e as marcações de gênero, da infância à vida adulta); as violências de gênero e a relação com a identidade docente (a entrada na docência, relação com as pessoas no ambiente escolar, as questões de gênero no processo de formação); as questões de gênero na prática docente (o trabalho com as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, desafios e possibilidades para o trabalho com a temática na Educação Básica, narrar essas experiências como processo formativo).

As narrativas aqui biografadas são protagonistas nesse trabalho cuidadoso e afetivo, no qual essas mulheres têm suas histórias de vida costuradas com conceitos e teorias que nos ajudam a compreender os atravessamentos e violências que percorrem a trajetória de vida da mulher lésbica e professora, se configurando também como um processo formativo. De acordo com Souza (2012), [...] *narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que são forjadas nos nossos percursos de vida-formação*” (SOUZA. 2012 p. 46).

No decorrer das narrações, risos, choro, angústia e silêncios nos acompanharam, ao acionarem as memórias e experiências marcantes na vida dessas mulheres. As análises nos ajudaram a investigar e a refletir sobre as violências que impactam as suas identidades enquanto docentes.

3 AS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA TRAJETÓRIA DE VIDA DAS MULHERES LÉSBICAS

A violência é considerada por Minayo (2006) como um “fenômeno sócio-histórico que acompanha toda a experiência da humanidade”. Ela decorre entre diferentes culturas e se manifesta de várias formas, além da agressão física que acarreta em lesões no corpo e morte, mas também através de ataques verbais, constrangimentos, ameaças, chantagens, humilhações, discriminações e nas demais ações que causem danos emocionais e psicológicos as pessoas. Seja nos aspectos estruturais ou históricos, elas geralmente são acarretadas de ódio, ideia de superioridade, supremacia, disputa por poder e intolerância. Essa breve conceituação é importante para marcarmos de onde falaremos a respeito das violências de gênero e sexualidade vivenciada por mulheres lésbicas.

Articular violência e gênero, requer um breve conceito a respeito dessa categoria de análise que tem sido considerada complexa dentre estudiosas/os desse campo epistemológico.

Scott (1995) destaca que o termo gênero nasce dos movimentos feministas americanos que defendiam o caráter social das distinções baseadas no sexo, postulando a ideia de que ele indica construções sociais e históricas. Para a autora,

[...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e os homens têm uma força muscular superior. Gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as construções sociais – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (SCOTT, 1995, p. 7).

Corroborando com o pensamento de Scott, Louro (2003) se refere a esta categoria, como o modo que as diferenças sexuais são compreendidas na sociedade, em determinados grupos e contextos. A autora conceitua gênero “ligando-o à produção de identidades múltiplas, plurais, de mulheres e homens no interior das práticas sociais, portanto, no interior das relações de poder” (LOURO, 2003, p. 77). Essas práticas determinam como as relações de gênero são percebidas nas organizações sociais, desde o ambiente familiar doméstico, até as esferas públicas, resultando na inferiorização e em violências diversas.

O conceito de violência de gênero no qual nos debruçamos, fazendo um rico diálogo com as narrativas das mulheres professoras lésbicas, parte do que Saffioti (2001), chama de conceito amplo, que abrange vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. Na infância, adolescência ou vida adulta, podem ser “praticadas também pelas mulheres, por função e delegação da função patriarcal” (p. 115).

Para Saffioti (2004, p.17) a violência contra as mulheres é uma ruptura de qualquer integridade humana, seja ela física, psíquica, sexual ou moral. Ela ganha outras proporções quando a mulher tem sua sexualidade fora dos padrões situados pela heteronormatividade. Para Grossi (1998, p. 12) “a sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos”, ou seja, o fato das mulheres lésbicas se relacionarem afetivamente e sexualmente com outras mulheres, tem sido motivo para que elas vivenciem violências sustentadas também pela lesbofobia.

A violência física pode ser considerada a mais letal e covarde dentre as agressões que as lésbicas enfrentam na sociedade. Peres (2018, *et. al*) utiliza o termo lesbocídio, no *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017*, para evidenciar o assassinato dessas mulheres por repulsa, discriminação, ódio ou lesbofobia. A pesquisadora destaca a importância da utilização desse termo como uma forma de “advertir contra a negligência e o preconceito da sociedade brasileira para com a condição lésbica” (2018, p. 19). Além do lesbocídio, as

violências de ordem psicológica, por exemplo, são recorrentes em diferentes contextos e espaços por onde elas circulam, algumas vezes é preciso negociar a identidade sexual para receber afeto e participar de eventos familiares. A mulher lésbica identificada no texto como P1, narra com a voz trêmula, momentos de exclusão e invisibilidade da sua existência:

Minha mãe faz um preconceito tão grande comigo, quando ela percebe que eu comprei roupas mais masculinas para eu sair, ela... Hoje, eu tô falando do preconceito de hoje, eu não tô falando do preconceito do passado, ela simplesmente não passa os convites da família pra mim, é simples assim (P1).

Quando as mulheres lésbicas transgridem os padrões impostos pela heteronormatividade, que ditam os papéis que a mulher deve performar na sociedade, assumindo uma orientação sexual que foge da norma heterossexual, as violências se entrelaçam, produzindo e reproduzindo exclusão, invisibilidade e múltiplos danos à construção da identidade. As mulheres lésbicas professoras, aqui citadas como P1 e P2, que narraram suas experiências de violência ao longo suas trajetórias de vida para a construção desse texto, destacaram como as famílias delas reagiram e reagem às suas sexualidades.

[...] no início foi bem complicado, principalmente porque eu vivia um modelo de heteronormatividade padrão e quando eu decido romper com esse modelo, foi assim, um alvoroço na família [...] Quando a gente cresce um pouco mais, claro que essas marcas de gênero vão influenciar bem mais a vida da gente, por exemplo, eu tive a maternidade compulsória, eu fiquei grávida, mesmo me entendendo como uma menina, mulher, lésbica, enfim (P2).

[...] a minha genitora, nós ainda temos algumas tensões. Não foi uma coisa fácil dentro da minha família foi tudo muito pesado, a minha irmã ainda me olha estranha [...] Hoje tá até mais complexo, é tanto que quando a minha irmã percebe que a minha sobrinha está me admirando muito, ela passa de duas a três semanas me evitando. Então o preconceito é enorme mesmo, não é uma coisa fácil não (P1).

As violências decorrentes do preconceito em relação a sexualidade das mulheres lésbicas, estão atreladas à misoginia, ao sexismo e ao machismo, potencializando crimes de ódio como o estupro corretivo, cometido na tentativa de “corrigir” a orientação ou a identidade sexual delas. As opressões vivenciadas ao longo da vida das lésbicas, como a violência moral e psicológica, interagem entre si quando falamos das agressões em decorrência do gênero e sexualidade. Na narrativa das professoras participantes da pesquisa, essas opressões foram mencionadas sem necessariamente serem conceituadas, o que foi considerado foi o sentimento e a dor vivida por elas.

No ambiente familiar ou demais meios sociais, as violências do dia a dia estão presentes nas ações e comportamentos que são ditadas às mulheres desde a infância. A P1, se emocionou

ao narrar uma experiência dolorosa e violenta, que vivenciou na infância no ambiente familiar. As vestimentas que a mesma usava, precisavam performar a ideia de que determinadas roupas, de determinadas cores, só podem ser usadas por meninas ou meninos:

[...] eu tive uma infância muito dura nesse ponto, eu só tive direito a ter uma calça Jeans com 12 anos, quando eu gritei: EU QUERO A MINHA CALÇA JEANS! Porque até então, eu era obrigada a vestir “roupinhas de menina”. [...] Porque se eu pedisse uma calça Jeans eu ganhava três, quatro vestidos. Pense em ser obrigada a vestir um vestido no São João, um vestido no meu aniversário, quando eu tava querendo a minha calça Jeans?! Então isso não é um processo legal, pois nem eu sabia o que eu era, só que minha mãe já sabia ou imaginava que sabia (P1).

Os papéis determinados historicamente, do que é de homem e de mulher mesmo antes da criança nascer, se perpetuam na vida adulta afetando a subjetividades dos/as sujeitos/as que se expressam, se vestem ou se comunicam com o que não é normatizado pela heteronormatividade. O discurso de feminino e masculino, reforça significados sociais que violenta as mulheres lésbicas, produzindo estigmas e estereótipos devido à sexualidade. O que aparentemente não significa nada para quem não tem a sexualidade questionada, negada e violentada, diz muito para as lésbicas que são julgadas pelo modo como vivem e performam suas identidades em decorrência da lesbofobia.

A lesbofobia é compreendida por Peres (*et, al*, 2018) como negligência e preconceito da sociedade para com a condição lésbica. Essa condição é entendida pela autora, como um conjunto de implicações sociais que giram em torno da figura da lésbica, ou seja, conceitos e preconceitos que constituem a ideia do que é ser lésbica em determinadas sociedades. No Brasil, as formas de representação dessas mulheres são carregadas de estereótipos (PERES, 2018, p. 19). A ideia de um modelo único de feminilidade e de padrões femininos a serem seguidos, foi narrado pela professora P1 quando falamos das violências vivenciadas no ambiente familiar e as questões de gênero:

[...] há uma cobrança, tipo, porque você não bota um vestido ou então, porque você não penteia o cabelo assim ou porque você cortou o cabelo dessa forma. Então dentro da minha família o que há é mais uma cobrança e tipo assim, se eu consigo estar um dia mais feminina eu recebo elogios do começo ao fim do dia. E naquele dia que eu tô com uma roupa que eu me identifico mais eu não recebo um único elogio (P1).

O preconceito contra as mulheres lésbicas, não permite que determinados grupos da sociedade, em especial os homens, as vejam como pessoas com igualdade de direitos e deveres constitucionais, o que resulta em exclusão e agressões de diferentes níveis. Essas violências, levam as lésbicas a assumirem papéis determinados pela heterossexualidade, escondendo e até

negando suas identidades em diferentes tempos e espaços. As participantes P1 e P2, apresentaram relatos do quanto a lesbofobia sustentada pela heteronormatividade impactou e impacta suas vidas:

O tempo todo aquelas frases: parece um moleque macho, parece isso, parece aquilo, como se fosse a pior coisa do mundo. [...] Eu apanhava, as palmadas nos lugares certos, claro que minha mãe me bateu algumas vezes mais, exatamente porque as vezes ela me via como menino, quando ela não queria que eu fosse menino. [...] então, dos 4 filhos dela eu apanhei mais (P1).

Para a P1, a infância e adolescência foram marcadas por momentos em que ela era obrigada a vivenciar os padrões de feminilidade historicamente situados, antes mesmo do seu nascimento. Ainda na infância, essas mulheres são violentadas ao serem forçadas a performar um feminino idealizado. Esses abusos acompanham a vida adulta das lésbicas, impactando no modo como elas constituem suas identidades. A P2 retrata uma violência que ela considera comum:

Eu sou uma mulher lésbica, sempre me entendi como uma mulher lésbica, mas por conta da lesbofobia, das violências de gênero, você acaba performando uma feminilidade, numa perspectiva da heteronormatividade compulsória, inclusive, eu tive até uma filha. [...] Essas questões não eram tratadas na minha família, a relação com a minha irmã, principalmente a minha irmã mais nova quando eu me assumi lésbica mesmo, eu sofri bastante lesbofobia dela [...] Assim, de me afastar da minha sobrinha, dela se afastar da minha casa [...] (P2).

A heteronormatividade compulsória a qual se refere em sua narrativa a P2, é para Rich (1993, p.17) uma via pela qual “a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser apresentada como invisível”. Dentre as formas de compulsão, a autora destaca o casamento infantil, o cinto de castidade, o apagamento da existência lésbica e o casamento heterossexual. Rich (1993) sinaliza ainda, que o reforço do poder da heterossexualidade tem convencido as mulheres lésbicas de que o casamento e a orientação sexual voltada para os homens são tidos como inevitáveis em suas vidas.

O medo em assumir, inclusive para si, a sexualidade, os desejos, anseios, o modo de ser e estar no mundo contribui para a invisibilização da existência lésbica (RICH, 1993, p. 26). Na narrativa da P1, ela destaca opressões no ambiente familiar que a fizeram ter decisões das quais ela diz terem sido precipitadas, devido ao medo de “assumir” sua sexualidade:

Eu me rejeitei, rejeitei, casei com um homem e tive um filho... Eu tinha uma amiga que a gente era muito próximas, nós andávamos sempre juntas [...] E no dia que eu ouvi da minha própria mãe, “cê tá querendo ser sapatão?”, aquilo me chocou, por incrível que pareça eu já estava com quase 17 anos (risos). Aquilo me chocou e me angustiou

e, praticamente no ano seguinte eu casei. O processo da aceitação não foi algo fácil (P1).

A autonegação da identidade lésbica foi citada pelas professoras em tom de dor, decepção, culpa e, um balançar dos ombros da P1, como se não tivesse outra opção além de negar o que sentia. É como se elas, agora com 52 e 53 anos de idade, tivessem tido outras experiências com a maternidade e com o casamento heterossexual, se não fosse pelo preconceito da sociedade em relação às suas sexualidades. Esse tipo de violação pode aprisionar as mulheres lésbicas em relacionamentos abusivos durante longos períodos. As opressões no ambiente familiar, se expandem nos demais espaços de afeto e convivência por onde as lésbicas circulam. Esse conjunto de abusos, desprezo e invisibilidades que são experienciados ao longo da vida, se repete também nas relações profissionais, contribuindo com a negação da identidade da mulher lésbica no ambiente de trabalho.

A extensão da violência da casa para o trabalho, marcam a construção do eu pessoal e do eu profissional. São também nas instituições de trabalho que as mulheres lésbicas são controladas, exploradas e desvalorizadas, mesmo quando esse ambiente profissional é a escola e a mulher lésbica é uma professora. A partir do conceito de gênero adotado no texto, perceberemos como a feminilização do magistério foi se constituindo, mas é também nesse espaço que as lésbicas sofrem violências que repercutem na constituição da identidade docente.

4 PROFESSORAS LÉSBICAS E AS INTERFACES COM A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

A docência tem se configurado historicamente, como um lugar ocupado por mulheres, mas a influência do patriarcado e da heteronormatividade tem contribuído para que as lésbicas sejam violentadas e tenham suas identidades forjadas por não se enquadrarem na norma heterossexual. Para Louro (2011), a escola produz diferenças, reproduzindo mecanismos de segregação, de ordenação, de hierarquização, sendo, ainda hoje, diferente para pessoas pobres e ricas, negras e brancas, homens e mulheres. Também entre as/os docentes e demais membros da escola, o padrão social do homem branco, heterossexual, têm *status* diferenciado. A P1 e P2 nos dizem o quanto fugir do padrão eurocêntrico e heteronormativo é um processo difícil para as mulheres lésbicas professoras:

Quando eu cheguei na escola eu percebi que as pessoas me olhavam assim com desconfiança, elas não falam mas a gente percebe né, no olhar, na forma. Tipo, o que essa mulher sapatão, negra, rastafári vai querer saber de dar aula para criança pequena?! Então, minha competência era questionada, a partir desses marcadores da diferença. Minha competência acadêmica, se eu ia dar conta (P2).

O ignorar é uma das maiores violências [...]. Quando perguntam eu digo que sou lésbica. Eu consigo perceber o seguinte, é como se enquanto eu, aquela que chegou dentro daquela escola não se assumia lésbica era é uma pessoa maravilhosa [...] (P1).

A P2 narra outras violências que mantêm as mulheres lésbicas em um modelo de dominação e exploração orquestradas pelo patriarcado, pelo capitalismo e pelo racismo. A narrativa da P1 demonstra o quanto a lesbofobia é perversa ao tentar invisibilizar a sua existência. No momento em que sua sexualidade se torna pública, o comportamento das pessoas muda demonstrando desprezo por ela ser lésbica. Quando a professora performa a heterossexualidade tentando se enquadrar em um padrão, seu comportamento não era questionado e as relações aconteciam de maneira amigável.

O debate a respeito da feminização do magistério é de extrema relevância para entendermos a postura das instituições educacionais em relação a diferença e o lugar ocupado por homens e mulheres na docência. Para Louro (2000) os atributos ditos femininos, como amor, cuidado e sensibilidade, são concretizados na docência. No processo de feminização do magistério eles são tradicionalmente associados às mulheres, para situar a docência como uma profissão conveniente para elas (p. 97). Se ser professora é uma profissão tida como adequada para as mulheres, ser professora lésbica exige ter atributos femininos e performar a feminilidade ditada como única.

As entrevistadas P1 e P2, destacam experiências em que sentem seus corpos vigiados e contestados, a forma como suas sexualidades são interpretadas, diz muito sobre como a escola continua produzindo e reproduzindo uma hegemonia patriarcal:

Eu acho importante destacar que as mulheres professoras lésbicas que não performam uma feminilidade esperada, socialmente, que elas possam serem acolhidas na escola, a partir dos seus corpos. Porque isso é uma violência para as professoras, performar essa feminilidade padrão, isso é uma violência. Eu sempre converso com algumas colegas professoras que são um pouco masculinizadas, como elas sofrem muito mais na escola, desde a violência de você ter que usar um determinado tipo de farda, a que disponibilizada pela escola, como ela deve se comportar, enfim... Ela tem que usar um cabelo assim ou usar determinada roupa, isso é muito violento com as professoras (P2).

Algumas mães da comunidade elogiam: “essa professora manda, essa faz a escola funcionar”, e na verdade eu só tô oferecendo pra elas o serviço que deveria estar ali funcionando, mas até nesse momento, elas fazem uma referência como se [...] Eu só mando porque eu sou masculinizada (P1).

Apesar da docência ainda ser composta majoritariamente por mulheres, as narrativas acima nos convidam a refletir sobre como é ser uma mulher que não performa a sexualidade tida como padrão. As violências em decorrência da sexualidade, deslegitima inclusive a competência profissional da docente. Essa narrativa nos ajuda a pensar como são constituídas e reconstruídas a identidade docente dessas mulheres na escola. A afirmação da identidade lésbica encontra no ambiente escolar um lugar de lutas em meio à cultura heteronormativa que provoca exclusão, violência, invisibilidade e conflito para vivenciar as identidades, pessoal e docente.

A pluralidade das identidades e a complexidade do tema, se entrelaçam com o desafio de conceituar o que é identidade. Hall (1987), argumenta que definir tal conceito, vem tornando-se cada vez mais transitório na pós-modernidade. Para o autor, a identidade é “formada e transformada continuamente, em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987, p.13). Tão complexo quanto o conceito de identidade é o de identidade docente. Para Nóvoa (2010) trata-se de um processo complexo em que somos influenciados pelas características pessoais e os percursos de vida. O autor acrescenta ainda, que “a identidade é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão” (NÓVOA, 2010, p. 16).

Para além de conceituar identidade docente, o que buscamos ao abordar a temática com as professoras lésbicas, é compreender como elas resignificam a docência, produzindo uma ideia ética de si que pode ser usada também no ambiente escolar, tanto nas relações com as pessoas não docentes, quanto com as/os estudantes.

Ao falarmos de identidade docente, consideramos aqui três importantes elementos, que Sabino (2009, *et. al*) nomeia de “elementos indenitários da docência” (p. 60): as histórias de vida, a formação e a prática pedagógica. Esses estão atrelados às dimensões sociais e aos processos individuais que constituem os sujeitos enquanto docentes. Ao longo de todo o texto, trabalhamos com as histórias de vida das professoras lésbicas, elemento importante para o processo formativo.

Ao abordar temáticas como formação e prática pedagógica, não vamos adentrar nos tipos de formação ou na didática utilizada por elas nas suas práticas, o que priorizamos é como as questões de gênero e sexualidade estiveram presentes ou não nos processos que elas consideram formativos e como se dá a abordagem dessas temáticas no ambiente escolar. As narrativas da P2, destacam como e quando, esses temas fizeram parte da formação institucionalizada:

Na minha graduação as questões de gênero foram aparecer dentro do currículo, lá no finalzinho, muito numa provocação das estudantes pra discutir as questões de gênero, isso não veio das professoras ou da formação, do currículo do curso de pedagogia, mas muito mais uma demanda das estudantes e não da universidade (P2).

A professora destaca o quanto o trabalho com as questões de gênero e sexualidade ainda é tímido nos cursos de formação de professoras/es. Nos últimos anos essas temáticas têm constituído um campo fértil de análises nos trabalhos acadêmicos, mas ainda temos muito que avançar para que elas cheguem na Educação Básica. A inserção desses conteúdos nos currículos e práticas de formação de docentes, tende a contribuir com práticas pedagógicas e ações mais equânimes na escola. Essa professora compartilhou a importância de ter acesso a temáticas de gênero e sexualidade na formação e como isso impacta nas ações e práticas no ambiente escolar:

As minhas ações são sempre formativas. [...] eu pedi para a coordenadora pedagógica fazer uma formação, de gênero e sexualidade, então isso foi um debate, principalmente na infância, que é um espaço muito bacana pra gente desconstruir, porque a gente tem muitos estereótipos de gênero já a partir da infância, principalmente protagonizado pela escola. Que é esse espaço escolar generificado, como divisão de banheiro de menino e menina, as cores dos cadernos, dos materiais rosa pra menino e rosa pra menina, quando se refere a menino e menina nos cartazes, então esse debate foi muito importante na escola [P2].

A P1, disse não ter tido acesso a essas temáticas nos cursos de formação para o magistério, mas as violências ao longo da sua trajetória de vida, fazem com que ela tenha um olhar diferenciado sobre elas:

[...] eu não fico levantando uma bandeira, mas desde muito cedo eu fico falando do respeito, da valorização daquele aluno. Principalmente quando você percebe que só porque ele tá muito afeminado há um conceito geral que ele não presta pra nada, ele tem que ser sempre muito bom. Como a gente, a gente tem que ser sempre muito boa pra poder estar ali, estar naquele local (P1).

A escola ainda é o lugar onde a estrutura de dominação patriarcal e heteronormativa encontra terreno fértil para a manutenção das normas heterossexuais e sexistas, excluindo e invisibilizando as pessoas de identidades sexuais e de gênero que transgridam essa norma.

As entrevistadas P1 e a P2 demonstraram fazer um importante trabalho com as questões de gênero e sexualidade, mas essas práticas não podem ser somente a partir da subjetividade das docentes. A escola precisa criar e desenvolver reflexões e debates sobre a naturalização das diferenças e é urgente que o Estado crie políticas públicas para que essas temáticas sejam incluídas nos currículos da Educação Básica ao Ensino Superior.

5 CONCLUSÕES

As experiências das trajetórias de vida narradas pelas professoras lésbicas que participaram da pesquisa, são marcadas por tempos, lugares, pessoas, contextos sociais e políticos diferentes. Essas vivências são singulares, mas têm proximidades quando elas falam das violências em decorrência de gênero e sexualidade. Ambas vivenciaram situações de lesbofobia e invisibilidade das identidades pessoal e profissional, dentro e fora do ambiente escolar. A escola continua sendo um lugar de valorização do sujeito heterossexual e manutenção de uma educação excludente.

As narrativas das professoras em relação as questões de gênero e sexualidade nos processos de formação institucionalizada, demonstram o quanto ainda temos que lutar para que essas temáticas sejam inseridas nos currículos educacionais, da Educação Básica, ao Ensino Superior.

A contextualização das trajetórias de vida nesse trabalho, foi de extrema importância para o processo de reflexão das identidades dessas mulheres. Ambas destacaram, ser fundamental visibilizar a existência lésbica em todos os espaços, principalmente na educação. O ato de narrar experiências que foram marcantes nas trajetórias das professoras é formativo, pois é também pela linguagem que os sujeitos se formam. As entrevistadas P1 e a P2 destacam a importância desse processo ao acionar vivências e refletir sobre elas:

Isso mexe com a memória da gente, isso vai nos empoderando ainda mais, isso vai fazendo a gente pensar coisas que a gente vive, mas as vezes a gente não pensa, a gente vai vivenciando e percebendo, é muito importante ter pesquisas como essa, é importante a gente falar sobre isso e escrever sobre isso, refletir sobre isso (P2).

Eu venho participar dessa pesquisa com a intenção de trazer visibilidade pra gente como professora [...] porque parece que quando a gente fala desses assuntos, eles trazem recordações dolorosas, eles trazem recordações que você nem lembrava, mais quando começa a falar, mas ele é libertador também [...] A gente vai narrando, vai crescendo e vai conhecendo... E eu espero que ajude outras pessoas a não passar por todo o processo doloroso da gente (P1).

Ao finalizarmos esse texto, percebemos que os desafios de ser mulher lésbica e professora são diários, a partir do que narraram a P1 e a P2. Ao narrar suas histórias de vida, percebemos o quanto as violências de gênero e sexualidade impactam na vida pessoal e profissional das professoras. Desde a infância essas violências são praticadas tanto de maneira velada quanto explícita sendo praticadas por homens e mulheres.

No ambiente escolar, as docentes destacaram se sentir violentadas quando tiveram sua capacidade acadêmica e intelectual questionadas, inclusive, pelas famílias das crianças, quando

são ignoradas pelas outras pessoas que trabalham nesse espaço, tem a autoridade subestimada por ser lésbica e são contestadas por não performarem um ideal normativo de feminilidade. É preciso normatizar as discussões de gênero e sexualidade na sociedade e nos espaços educacionais.

Nas escolas onde atuam, a P1 e a P2 buscam levar essa discussão para a sala de aula e para toda a estrutura escolar. Essas práticas são também um modo delas visibilizarem as suas existências. Ser mulher professora e lésbica é criar e recriar, diariamente, novos modos de ser e estar no mundo e na docência. É nesse movimento que a identidade profissional docente é constituída.

Referências

- FERREIRA, Sérgio. Rodrigo. da Silva. (2021). A respeito da categoria (trans/cis) gênero: a representação da identidade de gênero e a cisgeneridade compulsória. *Revista ECO-Pós*, 24(3), 355–380, 2021.
- FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009. 164 p.
- GROSSI, Miriam Pillar. “Gênero, violência e sofrimento”. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 6. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1995 (2ª versão: 1998).
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência** / tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. Ed. 5; reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Magistério: identidade, história, representação. In: CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUZA, M. Cecília C. C. e SOUSA, Cynthia Pereira de (Org.). **Docência, memória e Gênero: estudos sobre formação**. Ed. 4. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, Escola e Identidade**. Educação & Realidade - v.25, n.2 (jul-dez. 2000). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- MACIEL, Patrícia Daniela. **Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência**. 2014. 178p. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde**. Maria Cecília de Souza Minayo. Rio de Janeiro. Editora FIOCRUZ, 2006. 132 p.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no projeto prosalus. In: NÓVOA, António.; FINGER, Matthias. (orgs.), **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, 226 p.

PERES, Milena Cristina Carneiro, **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017/** Milena Cristina Carneiro Peres, Suane Felipe Soares, Maria Clara Dias. – Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018. 116 p.

RICH, Adrienne. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence**. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (editores). Adrienne Rich's Poetry and Prose. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993. Tradução: VALLE, Carlos Guilherme.

SABINO, Isabel Maria. *et al.* Identidade e fazer docente: aprendendo a ser e estar na profissão **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2009.

SAFFIOTI, H. I. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 16, p. 115–136, 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644541>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SAFFIOTI. Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995. p. 71-99.

SOUZA; Elizeu Clementino. A caminho da roça: olhares, implicações e partilhas. In: SOUZA; Elizeu Clementino (Org). **Educação e ruralidades: Memórias e narrativas (auto)biográficas**. EDUFBA, Salvador, 2012, p. 17-26.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido**. *Revista Educação UFSM*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2014.